

Brasil: 510 anos de empreendedorismo

Jornal do empreendedor

Ano 85 - N° 23.048

diário do comércio

R\$ 1,40

Conclusão: 23h00

www.dcomercio.com.br

São Paulo, sábado, domingo, segunda-feira e terça-feira, 23, 24, 25 e 26 de janeiro de 2010



História do Brasil com Empreendedores, o novo livro do historiador Jorge Caldeira, afirma que o empreendedorismo construiu o Brasil, desde 1500. Reviravolta histórica: não éramos explorados pela metrópole? Entrevista, páginas 7 e 8.

Chove há 34 dias

Não houve um dia nos últimos 34 sem chuva em algum ponto da cidade, como não acontecia há 77 janeiros. *Página 9.*



A chuva, que respingou em seu DC de sexta-feira, deve continuar nos próximos cinco dias.

O presidente Lula aproveitou para oferecer a São Paulo um PAC antichuva. Mas para 2011. Ele e o governador Serra receberam medalhas do prefeito Kassab, para quem São Paulo sofre de "desequilíbrio climático". *Página 6.*



Chávez sob pressão

Juan Barreto/AFP



ESPECIAL

A

julgar pelo novo livro de Jorge Caldeira - "História do Brasil com os Empreendedores" (Editora Mameluco, R\$ 49) -, o País continua mantendo oculta nas dobras da sua memória uma figura que foi essencial para dar-lhe os contornos que exibe hoje: o pequeno empreendedor. Na entrevista que se segue, essa descoberta, comprovada por números, fatos e estatísticas, contraria alguns ensinamentos básicos que aprendemos na escola, consolidados como cláusulas pétreas. Produz um remelexo considerável, fazendo emergir esse personagem que, na verdade, é um espelho de todos nós, entranhado nos nossos impulsos desde que o primeiro português se deitou com uma índia tupi. Caldeira é um escritor conhecido dos leitores brasileiros. Sua produção aponta 10

obras, das quais a mais conhecida é "Mauá, Empresário do Império" (1995), que marcou sua paixão pelo empreendedorismo. No entanto, seu talento versátil permitiu-lhe escrever também sobre o compositor Noel Rosa e sobre o nosso samba. Possivelmente sua formação humanística - bacharel pela Faculdade de Filosofia da USP - explique essas incursões, assim como uma passagem respeitável pelo jornalismo, circulando pelas redações da revista cultural "Bravo" e "Folha Ilustrada", até abraçar a ciência econômica como editor de "Exame" e "Isto É". O currículo de Jorge Caldeira, 55 anos, paulistano, também reúne os títulos de doutor em Ciências Políticas e mestre em Sociologia, além de ser dono da cadeira de número 18 da Academia Paulista de Letras.

BRASIL SEMPRE FOI A TERRA DOS EMPREENDEDORES

O novo livro de Jorge Caldeira deita luzes sobre esse personagem que, embora tenha construído o País, continua escondido nas páginas da nossa História.

Geriane de Oliveira, José Maria dos Santos e Moisés Rabinovici

Fotos: Paulo Pampolin/Hype



Diário do Comércio - Em 2004, nos 450 anos de São Paulo, a Associação Comercial trouxe do

Vaticano as cartas do Padre José de Anchieta, para uma exposição. Na época, ganhou destaque a ideia de que Anchieta teria sido nosso primeiro empreendedor. Mas o seu livro indica que o empreendedorismo começou praticamente em 1500.

Jorge Caldeira - Para que essa ideia seja bem compreendida, é necessário definir o empreendedorismo no seu sentido cultural mais amplo, desconsiderando, ao mesmo tempo, o sentido econômico. Empreender, na verdade, significa construir o próprio destino. É reunir na vida um trabalho ou uma trajetória que dá à pessoa um destino daquele que teria convencionalmente ao nascer. Refiro-me, naturalmente, a um destino melhor. A sociedade brasileira nasceu assim desde 1500. Os homens deixavam a Europa para vir fazer a América, pa-



pesquisas sobre os testamentos da época. Os títulos de propriedade não tinham valor. Valiam a roça, os escravos. Mas a propriedade valia zero. Somente a grande propriedade e a escravidão não explicam a economia do período. O que a explica é o empreendedor, o risco. Como era a produção do gado no nordeste nos séculos 17 e 18? Um homem assumia a responsabilidade de cuidar de uma boiada em troca de uma parte das crias. Era um acordo de risco. O sujeito era remunerado por uma fração do capital. Por outro lado, o boi criado era destinado à venda, que propiciava a compra de produtos.

Um passado que foi oculto com interpretações e ideias equivocadas

Diário - Mas os escravos participavam desse mercado interno?

Caldeira - Estudos sobre a escravidão afirmam que, nos Estados Unidos, apenas 1% dos escravos chegavam à condição de homens livres antes de morrer. No

destino. E reunir na vida um trabalho ou uma trajetória que dá à pessoa um destino daquele que teria convencionalmente ao nascer. Refiro-me, naturalmente, a um destino melhor. A sociedade brasileira nasceu assim desde 1500. Os homens deixavam a Europa para vir fazer a América, para crescer, enriquecer. Este era o destino, um princípio tão forte que é aceito consensualmente no Brasil de hoje. É a ideia de enriquecer pelo trabalho, pelo esforço. O movimento se repete com nossas grandes correntes de imigrantes. O meu livro procura explicar o Brasil através do impulso do empreendedor.

Diário - Empreendedorismo é sinônimo de desenvolvimento, de movimento para frente. No entanto, nos seus primeiros séculos, o Brasil, pelo que conhecemos dos registros históricos, foi um território estagnado, que em nada se beneficiou desse empreendedorismo ao qual o senhor se refere?

Caldeira - As recentes pesquisas a respeito da nossa economia colonial desmentem essa percepção. Revelam um cenário diferente. A verdade é que, quando o Brasil saiu do regime colonial, por volta dos anos oitocentos, sua economia era maior e mais desenvolvida do que a de Portugal. Esta descoberta produz uma obrigatória revisão das nossas conclusões históricas. Até então, todos os esforços dos nossos historiadores era no sentido de afirmar que os problemas brasileiros se devem ao período colonial, no qual fomos explorados pela metrópole e, por consequência, tivemos nosso desenvolvimento atrasado. A nova realidade levantou uma série de questionamentos que meu livro busca esclarecer.

Os casamentos favoreceram nosso empreendedorismo

Diário - Por exemplo...

Caldeira - Por exemplo: em 1800, o cenário econômico do Brasil era parecido com o de hoje: meio a meio mercado interno e externo. Como explicar esse fenômeno, se o Brasil estivera estagnado no seu período colonial, até porque não havia uma política colonial para o País? A resposta está



Jorge Caldeira, que em seu mais recente trabalho escreveu sobre a História do Brasil a partir da evolução do empreendedorismo no País

na constatação de que houve, no período, um nível de atividades absolutamente expressivo que formou esse mercado interno, sem qualquer respaldo de política colonial, que, aliás, não existia. Somente a figura do empreendedor poderia explicar. É uma figura que ajuda a compreender o Brasil. É por essa importância que resolvi escrever um livro da História do Brasil com os empreendedores.

Diário - Por esse foco, nós devemos abandonar a visão tradicional de que a sociedade brasileira era desigual e escravagista, e que a base da sua economia era a escravidão?

Caldeira - Sim. A existência do mercado interno exige a outra face do Brasil. Quem era essa gente que o formava? Eram portugueses e europeus de todo tipo que vieram de fora até o século 19. E depois os asiáticos e árabes no século 20, todos com o mesmo fio condutor: vieram para enriquecer. Entre essa gente, desde o início desses três ou quatro séculos, também temos a figura do índio, do tupi. Os tupis deixaram de ser tupis para se tornarem brasileiros livres. Também temos africanos que vieram como escravos e acabaram livres. Posso dizer sem medo de errar que, por volta de 1800, a população brasileira era formada por 75% de homens livres e menos da metade dessa gente era de origem europeia

pura. Por aí se compreende que a população era livre, multi-étnica e global desde 1500.

Diário - Desde 1500?

Caldeira - Basta você pegar o exemplo do português João Ramalho (1493-1580), que antecedeu Anchieta como empreendedor. Após escapar de um naufrágio na costa de São Vicente por volta de 1513, se integrou à tribo do Cacique Tibiriçá. Casou-se com sua filha Bartira, mas teve mais de 30 mulheres e com todas elas teve muitos filhos. Que vieram a ser pessoas da sociedade livre do Brasil, do mesmo modo que sua descendência. Essa sociedade peculiar prosseguiu pelo Império afora. O ponto de partida dessa sociedade empreendedora foi, curiosamente, a instituição do casamento.

Diário - Mas todas sociedades têm casamentos.

Caldeira - Estou me referindo à circunstância especial daqui. O Brasil sempre foi um lugar onde

era possível casar livremente para quem viesse de fora. Isso é algo da cultura tupi. A grande maioria dos portugueses que emigraram para cá era de solteiros, que construíam famílias. De início eram índias puras. Depois mulheres com um pouco de índio e de europeu. A esse quadro se juntou as correntes dos séculos 19 e 20.

O melhor investimento do empreendedor era comprar um escravo



Caldeira recebe o Marco da Paz do assessor especial da presidência da ACSP, Gaetano Luigi

Diário - Como surgiu essa economia na esteira de um mercado interno colonial até então insuspeito?

Caldeira - Esse mercado interno foi construído por meio das oportunidades que estavam à mão.

Eram pessoas que não estavam ligando muito para fronteiras, para geografias políticas, para éditos da corte. Estavam mais integrados a uma cultura de sertão. Era uma gente que começava pequena e ia se enriquecendo aos poucos - 99% eram trabalhadores.

Diário - E a famosa e propalada economia baseada na escravidão?

Caldeira - De fato, e lamentavelmente, os escravos eram tratados como mercadoria. E era a mercadoria básica. E, realmente, as pessoas ricas da colônia e posteriormente do império eram senhores de escravos. Mas ocorre que havia muitos pequenos proprietários de escravos. A média de escravos por proprietário era baixa, era de cinco. O estudo dos números da época indica que o pequeno proprietário de escravo e o não-proprietário não tinham separação de renda ou de atividade econômica. Era uma sociedade com empreendedores muito pequenos.

Diário - É de se suspeitar que os escravos desse pequeno empreendedor eram, na verdade, uma espécie de ajudantes deles?

Caldeira - Sim. O único e melhor investimento que o empreendedor individual podia fazer era comprar um escravo. Afinal, não havia trabalho assalariado, o empreendedor não contratava uma pessoa, comprava sua capacidade de trabalho e ponto final. Esse empreendedorismo afronta a ideia estabelecida de que a grande propriedade era a regra de riqueza do Brasil. Não era. Os ricos do Brasil eram os comerciantes, conforme atestam as

Diário - Mas os escravos participavam desse mercado interno?

Caldeira - Estudos sobre a escravidão afirmam que, nos Estados Unidos, apenas 1% dos escravos chegavam à condição de homens livres antes de morrer. No Brasil eram 6%, pois podiam comprar a liberdade. Uns tinham habilidade para o artesanato ou coisa parecida, vendiam o que faziam e dividiam a renda com os senhores. Outros tinham um pedaço de terra do senhor para cultivar em seu benefício e juntar sua renda.

Diário - Como e por que o senhor resolveu estudar o tema e escrever o livro?

Caldeira - Estudo o empreendedorismo há muito tempo. Já havia feito a biografia do Barão de Mauá. A partir dessas pesquisas, comecei a perceber que o modelo utilizado para estudar o Brasil colonial - o modelo latifúndio agrário exportador - não se ajustava à realidade. O modelo determinava que não havia mobilidade social, não havia riqueza nem mercado. Mas a prática revelava que as pessoas ficavam ricas, que havia mercado, que havia capital interno. Nas relações de negócios, a própria pessoa financiava o crescimento daquela economia. Quem juntava dinheiro vendendo quitandas ou objetos gastava e investia aqui mesmo; quem descobria ouro gastava esse ouro no Brasil, comprando escravos, comida etc. Convém lembrar que 80% do ouro descoberto pertencia ao descobridor.

Diário - O senhor teve dificuldade para reunir material?

Caldeira - Na verdade, há dezenas de historiadores caminhando na mesma direção. Hoje os historiadores não se satisfazem apenas com a documentação antiga e convencional. Fazem como eu fiz. Para fazer a biografia de alguém é necessário juntar todos os documentos referentes a essa pessoa. É preciso estudar a fortuna dela do início ao fim, como foram os contratos. Depois analisa-se o censo. A partir desses dados o pesquisador vai perceber que a riqueza efetiva do entrevistado, as informações da vida real na sociedade nada tem a

EMPREENDEDORES

O melhor investimento que o empreendedor individual podia fazer era comprar um escravo.

ver com as teorias estabelecidas e publicadas. Eu já mencionei um exemplo: o estudo dos primeiros testamentos de São Paulo, entre 1570 e 1610 deixa claro que o centro da riqueza na colônia eram as chamadas atividades efetivadas e não a terra, como é propalado. Esse quadro me faz lembrar uma frase famosa de Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda, mais ou menos assim: o problema do Brasil não é a incerteza em relação ao futuro, mas a incerteza em relação ao passado. Meu livro mexe com essa questão.

O mercado era de pequenos empreendedores que não existiram oficialmente

Diário - O senhor poderia detalhar mais essa idéia?

Caldeira - Está assentado e sedimentado que os problemas do Brasil têm sua origem na colônia. O que vou dizer pode parecer estranho, mas o fato é que a interpretação do passado feita por historiadores está incorreta. A idéia de que o Brasil teve sua economia construída pelo pequeno, pelo sujeito que acumulou pelo trabalho é fundamental para entendermos nosso processo e tirarmos lições. Isso modifica o nosso cenário. No meu entender, o atraso do Brasil está no século



Reprodução sobre tela de Debraet

do diz que os latifundiários, até 1650, tornaram desimportante a pequena propriedade. Então, uma pesquisadora americana, Era Jean Dell Flory, que tinha o assunto como tema de sua tese, foi pesquisar em Salvador todos os registros e títulos de propriedades para verificar em que época a pequena propriedade havia acabado. Descobriu que, no período em que fora pretensamente extinta, as pequenas propriedades haviam aumentado mui-

micílios no período colonial. É uma proporção próxima da atual e bem mais alta do que em qualquer outro lugar. O papel da mulher no cenário econômico era muito importante. E aqui é oportuno lembrar o papel do casamento nesse processo, que evidentemente tem a participação da mulher. Como já disse, a construção da sociedade colonial se fez pelo casamento. E como o estabelecimento de empresas era algo proibido, a con-

para a convivência política. Embora sujeita às mesmas leis de Portugal, a sociedade brasileira era mais democrática. A vila de São Paulo elegeu vereadores regularmente desde 1554. Nem a Suíça tem tradição parecida.

Diário - O senhor está reafirmando com empenho a figura do índio nesse desenvolvimento peculiar da sociedade brasileira.

Caldeira - Foi o índio, leia-se

Então dois marujos da esquadra de Cabral abandonaram o navio

Diário - É possível compreender que essa flexibilidade de origem, que produziu nosso destino econômico, também preparou a democracia racial que temos?

Caldeira - A mistura de gentes está expressa nos censos que remetem a 1500. O censo de 1730 é extremamente revelador nesse aspecto.

so povo. Mas onde é que aprendemos esse valor? Em casa.

Diário - O seu livro apresenta muitas novidades e fortes rupturas com nossa História tradicional. Isso está repercutindo?

Caldeira - O livro acabou de ser lançado. Mas já provocou discussões. Consumi 12 anos para escrevê-lo, entre estudos e pesquisas. Foi o único dos meus livros que fiz várias versões pré-

historiadores está incorreta. A ideia de que o Brasil teve sua economia construída pelo pequeno, pelo sujeito que acumulou pelo trabalho é fundamental para entendermos nosso processo e tirarmos lições. Isso modifica o nosso cenário. No meu entender, o atraso do Brasil está no século 19. Até 1800 nossa economia era do tamanho da economia dos Estados Unidos ou próxima dela. Em algum momento, entre 1790 e 1810, os Estados Unidos passaram o Brasil, que chegou ao fim do século 19 com uma economia 15 vezes menor do que a de lá. O que houve? É necessário examinar essa questão.

Diário - A propósito dessa contradição historiográfica, seu livro já está provocando polêmicas por contraditar o respeitado historiador Caio Prado Junior que coloca a economia colonial sob o prisma consagrado do trio latifúndio-desigualdade social-exportação, sem valorizar o empreendedor.

Caldeira - Volto a repetir. Esse modelo, do qual Caio Prado Junior é uma das vertentes, não tem hoje sustentação empírica. Vou citar um exemplo: Caio Pra-

do Junior, no tema de sua tese, foi pesquisar em Salvador todos os registros e títulos de propriedades para verificar em que época a pequena propriedade havia acabado. Descobriu que, no período em que fora pretensamente extinta, as pequenas propriedades haviam aumentado muito e que as relações econômicas favoreciam mais essa gente contra os donos de engenho. Havia quatro mil pequenos proprietários em uma população de 100 mil pessoas no Recôncavo Baiano, mais uma certa quantidade de artesãos. O mercado da Bahia por volta de 1700 era de pequenos empreendedores, fundamentalmente.

A cultura dos índios tupis foi essencial para o Brasil

Diário - E as mulheres nesse processo? As mulheres são tão escondidas na História do Brasil ou, talvez, na História de todos os países.

Caldeira - Eis uma informação interessante a respeito. Algo em torno de 30% dos fogos da colônia eram comandados por mulheres. Fogos equivaliam a do-

casos, e era muito importante. E aqui é oportuno lembrar o papel do casamento nesse processo, que evidentemente tem a participação da mulher. Como já disse, a construção da sociedade colonial se fez pelo casamento. E como o estabelecimento de empresas era algo proibido, a condição de empreendedor se confunde com o papel de chefe de família. Esse tópico do casamento sem restrições não é herança portuguesa, mas sim da cultura tupi. Vá alguém de fora querer casar com uma portuguesa em Portugal. É muito raro. A sociedade brasileira, ao contrário da portuguesa, era aberta. Por isso o português vinha para cá. Esse traço cultural prevaleceu entre nós. Por isso todos os imigrantes que vieram, aqui ficaram. Senão, teriam ido embora.

Diário - Essa receptividade foi um fator importante na fixação?

Caldeira - É claro. Tome o pai do historiador Boris Fausto como exemplo. Veio da Ásia Menor para Buenos Aires e não deu certo. Então, sem falar português, foi vender coelho no Mato Grosso. Depois virou negociante de café. Essa flexibilidade secular irradiou

guia, e a guaiamã, desde 1554. Nem a Suíça tem tradição parecida.

Diário - O senhor está reafirmando com empenho a figura do índio nesse desenvolvimento peculiar da sociedade brasileira.

Caldeira - Foi o índio, leia-se basicamente o tupi, que formou o brasileiro. Foram os valores tupis que nos diferenciaram de Portugal. Um exemplo marcante é o sistema de herança. A propriedade era passada a um único filho, conforme a instituição do morgadio. No Brasil, os bens eram divididos entre todos por igual, de modo que cada um teria que correr atrás do seu. Esse costume foi favorecedor do empreendedorismo no nosso País. Também é oportuno lembrar que o importantíssimo movimento dos bandeirantes, que praticamente desenharam o Brasil, só foi possível porque os índios iam junto nas bandeiras, ajudando com a sua experiência na sobrevivência do grupo naqueles sertões que os brancos desconheciam. Foram protagonistas dos acontecimentos que decorreram: a expansão das fronteiras, a descoberta do ouro e da mineração etc.

que essa flexibilidade de origem, que produziu nosso destino econômico, também preparou a democracia racial que temos?

Caldeira - A mistura de gentes está expressa nos censos que remetem a 1500. O censo de 1730 é extremamente revelador nesse aspecto.

Diário - Por tudo que foi conversado até aqui, percebe-se que este País tem uma vocação especial para o empreendedorismo.

Caldeira - Tem. E ela nunca foi apagada. A nossa trajetória histórica atesta que, quando a capacidade empreendedora do brasileiro é liberada, a coisa anda. Lembro-me de que, nos anos 1980, nos meus tempos de jornalista econômico, quando era óbvia a necessidade de abriremos nossa economia, muita gente torcia o nariz. Não temos educação suficiente, não temos chance de competir lá fora, a abertura vai ser um desastre. Pois bem. O País sofreu um reajuste cavalgar a partir dos anos 80 e fingimos que nada aconteceu. Esse alheamento mostra como percebemos pouco, como valor, a capacidade empreendedora do nos-

so brasileiro. Isso está repercutindo?

Caldeira - O livro acabou de ser lançado. Mas já provocou discussões. Consumi 12 anos para escrevê-lo, entre estudos e pesquisas. Foi o único dos meus livros que fiz várias versões prévias para pessoas lerem, pois as conclusões eram surpreendentes. A ideia central, como conversamos, é a de que o proclamado latifúndio-exportador não é o modelo explicativo da nossa História, enquanto o empreendedor o é. Não estou dando uma resposta nova para o problema, mas sim dizendo que nós estávamos resolvendo um problema errado.

Diário - O senhor acha que o menino que corre atrás de uma bola na favela com vista à profissionalização é uma forma de empreendedorismo?

Caldeira - O ato de empreender está relacionado com a maneira com que a pessoa concebe sua vida. O carrineiro que recolhe papelão, latinha de cerveja ou garrafas é, rigorosamente, um empreendedor. Em vez de buscar um trabalho, ele prefere correr certo risco na ideia de que vá melhorar um pouco de vida. Qualquer migrante que saiu do Nordeste em direção ao Sul estava fazendo um gesto dessa natureza. Idem para o sujeito que abre um salão de cabeleireiro ou um boteco na favela. Ou o sacoleiro.

Diário - Pensando bem, nosso Tiradentes era um empreendedor. Andava por aí arrancando dentes, arrendava uns galpões para alugar no porto do Rio, enfim, era um micro-empresário. O senhor destacaria outros pioneiros no pedaço?

Caldeira - Além do citado João Ramalho, temos o misterioso Bacharel de Cananéia, logo nos primeiros anos do Descobrimento... Temos mais: os dois marujos da esquadra de Cabral que saltaram do navio fundeados e foram nadando até a costa, optando por viver aqui, seja lá como fosse.

Ao lado, tela retrata a fundação de São Paulo. Membros de uma sociedade livre, índios se destacaram na História do Brasil

